

**Luzinete da Silva Figueirêdo**

2021

**A voz da “ralé”: como se percebem os jovens dos meios populares do ensino médio frente às trajetórias e expectativas de escolarização percorridas.**

No âmbito da educação, as pesquisas são, em sua maioria, realizadas a fim de observar a relação dos professores com as metodologias educacionais e sua relação com o aluno. Esta investigação, por sua vez, busca dar voz aos jovens alunos do Ensino Médio do Brasil, oriundos dos meios populares, atentando para o processo de compreensão que estes têm em relação às trajetórias escolares percorridas e às perspectivas futuras, inseridas no âmbito de uma tese no curso de Doutorado em Educação da Universidade Lusófona. A Exclusão Escolar foi uma realidade histórica de longa duração no contexto do Brasil. Durante mais de 400 anos o processo educativo não era inclusivo, mesmo compreendendo a importância deste para a formação de uma nação forte e um povo politizado. A ausência de políticas públicas promoveu esta exclusão de grande parcela da população, tendo diversas tentativas de inclusão destes alunos somente nos últimos cem anos, objetivando uma educação de qualidade para todos. Vítimas de uma exclusão escolar histórica, os incluídos tornam-se protagonistas dos “insucessos” e “fracassos” relatados por Ana Benavente (1976), “portadores de certificações vazias” como denominou Acácia Kuenzer (2005), “oprimidos” de acordo com Paulo Freire (1987) e, mais recentemente, formadores da “ralé” ao longo dos anos como aponta Jessé Souza (2017), conceitos que buscam denunciar uma dolorosa realidade que os circunda. A opção por ouvir a voz dos alunos partiu também do desejo de compreender como eles se percebem, já que a literatura os descreve de diferentes formas e sob diversos olhares. Optando pela realização de um estudo de caso qualitativo, cujo objetivo é entender fenômenos educacionais no contexto natural em que ocorrem. Foi realizada a triangulação metodológica através de análise documental, observação e entrevistas semi-estruturadas aplicadas a 50 jovens entre os 17 e 25 anos de idade de uma escola pública estadual, cursando o 3º ano de uma das quatro modalidades de ensino médio (regular, educação de jovens e adultos, com intermediação tecnológica e curso técnico). Como resultado desta investigação, a partir das falas dos jovens dos meios populares, apresento como resultado o que denomino de Pedagogia da Desejabilidade Social, que consiste em um desempenho ou posicionamento em relação à escola, adotado pelos jovens dos meios populares, considerado correto, aceitável ou desejável, de modo a satisfazerem a sua necessidade de aprovação social, manifestando comportamentos condizentes com as normas e os valores da cultura vigente. Trata-se de um conduta aqui compreendida como inconsciente e motivada por uma necessidade intrínseca de aperfeiçoamento e manutenção do ego, de ser aceito, bem visto pela família, pela comunidade, ser visto como alguém que merece respeito por ter concluído seu papel social de estudante. Ao evidenciar a contradição de falas, percebe-se a Pedagogia da Desejabilidade Social: aquela cursada pelos alunos com o objetivo de dar a resposta considerada socialmente aceita pela comunidade. Ir para a escola não representa necessariamente aprender, mas tem grande valor social. Dar ouvido aos jovens dos meios populares, é sobretudo, denunciar as situações de aprendizagem que os inclui nas escolas, porém não oferecem uma educação de qualidade que os emancipem e politizem o suficiente de maneira que os distanciem do mercado de trabalho informal. Esta pesquisa não apresenta um fim em si mesma, porém, serve como sinalizadora para um novo pensar sobre a educação escolar pública no Brasil, na qual sugere-se, por exemplo, compreender as diferentes realidades culturais e regionais que marcam o grande Brasil para que se possa elaborar Currículos pertinentes a cada uma dessas demandas.

**Palavras-chave:** Educação, Inclusão Excludente, Ensino Médio, Desejabilidade Social.